

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 7 • 1997/1998



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
1997/1998

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS
Volume 7 • 1997/1998 ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E
RESPONSÁVEL CIENTÍFICO - João Luís Cardoso
PREFÁCIO - Isaltino Morais
MENSAGEM - Conselho Académico da Academia Portuguesa da História
FOTOGRAFIA - Autores assinalados
DESENHO - Bernardo Ferreira, salvo os casos
 devidamente assinalados
PRODUÇÃO - Luís Macedo e Sousa
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho
 de Oeiras - Câmara Municipal de Oeiras
 2780 OEIRAS

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E
REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso
MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Europress, Lda. - Tel. 938 14 50
DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
7, Oeiras, Câmara Municipal, 1997/1998, pp. 189-217

A OCUPAÇÃO DE ÉPOCA PÚNICA DA QUINTA DA TORRE (ALMADA)

João Luís Cardoso⁽¹⁾ & J. R. Carreira

1 - INTRODUÇÃO

Em 1978, por ocasião da construção dos primeiros edifícios do “Campus” da Faculdade de Ciências e Tecnologia (F.C.T.) da Universidade Nova de Lisboa, na antiga Quinta da Torre, Monte de Caparica, uma equipa do Centro de Arqueologia de Almada, em prospeção no local, identificou à superfície numeroso conjunto cerâmico de diversas épocas, posto à vista em consequência da abertura das fundações dos referidos edifícios. Com efeito, a tipologia dos materiais recolhidos indica uma ocupação reiterada do local do Neolítico antigo ao período Tardo-Romano, com especial incidência na Idade do Ferro, época a que corresponde o espólio agora apresentado, até ao presente apenas sumariamente referido na bibliografia (FERREIRA *et al.*, 1993; CARDOSO, 1996c). Por tal motivo, o primeiro dos signatários solicitou e obteve, da Direcção do Centro de Arqueologia de Almada, autorização para o estudo dos materiais ali depositados, na sequência imediata de pequena nota onde se publicaram outros, resultantes da abertura de valas executadas na mesma zona em 1995 (CARDOSO, 1996).

2 - LOCALIZAÇÃO E CONDICIONANTES NATURAIS

A área de dispersão dos materiais corresponde sensivelmente à implantação do Edifício I do “Campus” daquela unidade de ensino superior. Trata-se de zona aplanada, situada na zona de cabeceira de linha de água que desagua no estuário do Tejo em Porto Brandão. Tal trecho litoral constituía à época, tal como na actualidade, uma pequena enseada propícia à acostagem de embarcações. As suas

⁽¹⁾Da Academia Portuguesa de História. Professor da Universidade Aberta (Lisboa) e Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).

coordenadas hectométricas Gauss são X – 106.7; Y – 189.5 da folha N.º 442 da C. M. P. na escala 1: 25 000.

A referida plataforma, com boa exposição solar, pertence à zona culminante da linha de relevos que dominam a margem sul da embocadura do Tejo. Do lado meridional aquela plataforma desenvolve-se suavemente, sendo recortada por dois dispositivos hidrográficos; um, estende-se para ocidente juntando-se ao Tejo por altura da Trafaria; o segundo, com sentido oposto, atingia a zona do actual Centro Sul de Almada, então provavelmente ocupado por esteiro do mar da Palha.

Do ponto de vista geológico, trata-se de formações do Miocénico marinho, correspondentes a depósitos argilo-siltosos pouco aptos para práticas agrícolas intensivas, especialmente em sectores com escassez de água. Esta, destina-se ao cultivo de hortas e pomares, como se verifica cerca 200 metros para nascente, onde existe um poço do século XVI, com abundância de água. Tratar-se-iam, outrossim, de terrenos aptos a culturas de sequeiro, como a vinha, intensamente cultivada até ao séc. XIX, antes da região ter sido atingida pela praga da filoxera. A fraca aptidão agrícola dos terrenos contrasta, deste modo, com a situação prevalecente na região fronteira, imediatamente envolvente da actual cidade de Lisboa, onde a existência de rochas e tufos basálticos deu origem a solos de alta fertilidade, especialmente propícios a culturas cerealíferas que, até à actualidade, ali se efectuaram. Tal quadro explica a maior densidade de povoamento detectada nesta última região, corporizada pelos numerosos “casais agrícolas” do Bronze Final ali estabelecidas (MARQUES & ANDRADE, 1974; CARDOSO *et al.*, 1986; CARDOSO 1995a, 1996a).

A baixa densidade de povoamento sidérico observada na península de Setúbal apenas é contrariada na zona ribeirinha, adjacente do estuário do Tejo, a Norte, e do Sado, a Sul situação que se explica pelas actividades de carácter comercial que ali se desenvolveriam; disso é paradigma o povoado do Almaraz, situado em esporão sobranceiro a Cacilhas (CARDOSO, 1990; BARROS, CARDOSO & SABROSA, 1993).

3 – ANÁLISE DOS MATERIAIS

As cerâmicas da Idade do Ferro identificadas podem repartir-se pelos seguintes grupos:

- a) cerâmicas manuais
- b) cerâmicas de fabrico comum
- c) cerâmicas cinzentas
- d) ânforas púnicas
- e) ânforas itálicas
- f) diversos.

a) Cerâmicas manuais

Trata-se de formas cuja origem se pode situar no Bronze Final (Fig. 8, n.º 3 e Fig. 14, n.º 2), correspondendo a recipientes abertos ou fechados, de grandes dimensões, cuja função poderá relacionar-se com o armazenamento.

Outro grupo de recipientes manuais – este de interesse acrescido – corresponde a imitações locais de ânforas púnicas (Fig. 14, n.º 1) afins do exemplar 2001 de Pellicer (1978, fig. 7). Tais exemplares ilustram assim um aspecto inesperado destas cerâmicas: as formas exógenas então introduzidas teriam sido rapidamente copiadas por artífices locais, ainda não utilizadores do torno rápido.

O esforço de imitações revela-se ainda no cuidado de utilização de pastas de granulometria fina, similar ou mesmo de melhor qualidade das utilizadas nos referidos protótipos.

b) Cerâmicas de fabrico comum

Neste grupo avultam os grandes recipientes fechados destinados a armazenamento de produtos, em geral de fundo plano (Fig. 11, n.º 4; Fig. 15, n.º 8) ou parabolóide (Fig. 11, n.º 1), considerados produção de influência itálica, sendo ainda de mencionar fundos côncavos, também de recipientes provavelmente fechados (Fig. 15, n.º 5 e 6). Tais recipientes terminavam superiormente por colo alto estrangulado, de bordo por vezes espessado, sempre extrovertido, e lábio mais ou menos fortemente convexo. As pastas são, na generalidade, castanho-avermelhadas e as texturas predominantemente médias.

Estes vasos correspondem invariavelmente a fabricos locais ou regionais, como os materiais figurados na Fig. 8 e seguintes.

Outro tipo de recipientes de fabrico comum são os jarros de asas cilindróides, partindo do lábio (Fig. 2, n.º 4 e 5; Fig. 3, n.º 4).

Neste grupo inserem-se, igualmente, as características asas convexo-côncavas, correspondentes a recipientes de dimensões médias (Fig. 13, n.º 3), ou ainda uma asa em fita, de secção elipsoidal, de recipiente de grandes dimensões (Fig. 4, n.º 2, bem como o pé de uma grande taça de fundo côncavo (Fig. 6, n.º 1), e a base anelar representada na Fig. 11, n.º 2. Enfim, pequenos jarros com cordões em relevo idênticos a exemplares de cerâmica cinzenta (Fig. 11, n.º 6), podem também inserir-se no âmbito das cerâmicas comuns e desta forma integrar em fabricos de índole local ou regional.

c) Cerâmicas cinzentas

Trata-se de um dos grupos cerâmicos mais característicos da Idade do Ferro, representado na estação da Quinta da Torre por recipientes de tipologia diversa:

- pequenos púcaros de forma fechada (Fig. 12, n.º 8) munidos de asas de secção subrectangular, nalguns casos com uma das faces ligeiramente côncava, ou de secção sub-elipsoidal (Fig. 3, n.º 1 a 3);

- jarros, representados na Fig. 9, n.º 9, 11 e 12; Fig. 10, n.º 1; Fig. 11, n.º 5 e 7 e Fig. 12, n.º 10, frequentemente decorados com cordões em relevo, por vezes complementados no mesmo exemplar com ornatos tenuamente brunidos formando padrões reticulados. Alguns fundos com ligeiros anéis exteriores (Fig. 10, n.º 3) poderão pertencer a esta forma;
- formas campanuladas, mais ou menos abertas, por vezes cuidadosamente polidas (Fig. 8, n.º 4 e 6), bem como formas claramente abertas, representadas por taças de dimensões pequenas a grandes (Fig. 8, n.º 10; Fig. 9, n.º 6), de lábios aplanados ou convexos, nalguns casos ligeiramente espessados.

As cerâmicas cinzentas pertencem também dois fundos, munidos de pé mais ou menos destacado (Est. 15, n.º 2 e 9).

d) Ânforas púnicas

As ânforas são dos recipientes melhor representados nesta estação. Com efeito, numerosas asas anelares de secção subcircular documentam tal abundância, devida à superior robustez destes elementos. A sua morfologia revela-se simples e monótona, não proporcionando informações cronológicas precisas (ver Fig. 3, n.º 5; Fig. 4, n.º 1, 3 e 4; Fig. 5 e Fig. 6). Apenas um exemplar possui asa em fita (Fig. 6, n.º 3), idêntica a peças de Outurela e Oeiras (escavações dirigidas por um de nós, J. L. C.). Tal abundância de elementos de suspensão não tem equivalência em número de bordos, visto apenas se terem identificado três exemplares (Fig. 7, n.º 3; Fig. 8, n.º 1 e Fig. 12, n.º 9). Um exemplar (Fig. 12, n.º 9) possui equivalente na peça 1401 do Cerro Macareno, Sevilha (PELLICER, 1978, fig. 5). Outro bordo, de fabrico mais grosseiro, encontra paralelo no exemplar n.º 2366 (PELLICER, pág. 78, fig. 8). Por último, um terceiro exemplar, de paredes assinalavelmente mais finas, pasta bem depurada, núcleo acinzentado e superfície laranja (Fig. 8, n.º 5) tem igualmente paralelos em exemplares sevillanos de pequenas dimensões, embora de morfologia ligeiramente diversa.

Os fundos de ânfora encontram-se ainda mais deficientemente documentados: reconheceu-se apenas um exemplar de morfologia “cónica parabolóide” maciça semelhante ao exemplar 1707 de PELLICER (1978, fig. 12).

A presença de tais ânforas na Quinta da Torre explica-se pela existência de comércio regional dominado por comerciantes púnicos, embora, não correspondendo necessariamente a verdadeiras importações púnicas. Com efeito, a existência de produções locais encontra-se sugestivamente documentada pelo exemplar da Fig. 14, n.º 1, anteriormente referido.

e) Ânforas itálicas

Apenas representadas por fragmento de ânfora cf. Dressel 1 (Fig. 3, n.º 6).

f) Diversos

Este grupo integra algumas formas que pelas suas características particulares dificilmente se integram em qualquer das interiores. Está neste caso uma asa curva e torsa, particularmente longa e de secção circular, possuindo digitação lateral numa das extremidades (Fig. 15, n.º 3). Tal exemplar, poderá corresponder a asa de recipiente de tipo “cesto”, forma característica da 2.ª Idade do Ferro, do sul peninsular.

4 - INTEGRAÇÃO CULTURAL E CRONOLOGIA

O conjunto cerâmico dado agora a conhecer, apresenta-se representado frequentemente por exemplares de pequenas dimensões, o que por vezes dificultou a sua classificação tipológica e respectiva integração cronológico-cultural. É, no entanto, evidente tratar-se de conjunto coerente, correspondente a um período curto de ocupação do sítio, conforme decorre da respectiva análise tipológica. As principais conclusões podem sumarizar-se assim:

- 1) Reduzida presença da componente itálica, apenas representada por fragmento anfórico integrável no tipo Dressel 1 dos séculos. II-I a.C. Trata-se de ânfora utilizada no transporte de vinho produzido no sul de Itália. A sua presença sugere a existência de relações comerciais então estabelecidas com a península itálica.
- 2) Importante presença de produções anfóricas púnicas ou de imitação púnica, ilustrando a intensidade do comércio entre a região estuarina do Tejo e os estabelecimentos púnicos tanto da costa norte africana, como do litoral sul peninsular. Os três exemplares anfóricos tipologicamente mais revelantes – dois bordos e um fundo – possuem paralelos próximos em peças proveniente do Cerro Macareno, Sevilla, cuja informação estratigráfica permitiu situá-los entre os séculos IV/II a.C.

Apenas um exemplar, eventualmente pertencente a “ampulla” de tipologia fenícia poderá remontar ao século VI a.C., e neste caso, constituir exemplar comparável a peças recolhidas na Feitoria de Abul, Alcácer do Sal (informação pessoal de C. Tavares da Silva a J. L. C.).

Outro grupo de peças de importação mediterrânica, ou, mais provavelmente, de fabrico regional, são as cerâmicas ditas “cinzentas”, cujas produções sem alterações formais marcadas cobrem larga diacronia do século VIII a.C. aos primórdios da dominação romana, tal como se pode inferir da sua distribuição no Castelo de Alcácer do Sal (SILVA, *et al.*, 1980/81). Neste grupo avultam, pela abundância, certo tipo de jarros, que não ocorrem no mundo orientalizante, desenvolvendo-se apenas em épocas mais recentes, entre o século III e I a.C. Enfim, alguns recipientes de cerâmica cinzenta correspondentes a taças de perfil em “S”, podem atribuir-se igualmente aos séculos III/

/II a.C., tal como raros fragmentos de pratos. Também alguns fundos, de pé destacado, talvez pertencentes a taças, indicam sobretudo fabricos tardios, dos séculos.

As chamadas “cerâmicas comuns”, apesar de constituírem um fundo indígena, sempre difícil de datar de forma precisa, parecem enquadrar-se entre as balizas cronológicas anteriormente referidas.

Com efeito, formas como os jarros, com as asas partindo do lábio, podem centrar-se nos séculos III/II a.C., podendo porém remontar ao século IV, ou mesmo ao V a.C., como o exemplar de Outurela I (CARDOSO, 1990). Outras asas, de secção convexo-côncava, talvez pertencentes igualmente a jarros, inscrevem-se em intervalo dos séculos V ao III/II a.C. É também o caso de grande pé destacado de taça de fundo côncavo, igualmente com diacronia do século IV ao II a.C. Os abundantes fragmentos de recipientes fechados de colo alto e bordo extrovertido desenvolvem-se também, em intervalo cronológico centrado nos séculos III/II a.C.

Também a peculiar asa de recipiente tipo “cesto” poderá inscrever-se entre os séc. V e III/II a.C., não destoando, portanto, do intervalo cronológico apontado.

A situação descrita configura, pois, uma ocupação da Quinta da Torre marcada por influências púnicas, mescladas com outras, muito mais ténues, de origem itálica. Este período inscreve-se, pois, nos inícios da chamada Idade do Ferro III mediterrânica (SILVA, *et al.*, 1980/81), definida em Alcácer do Sal com base nos materiais que integram a fase V daquela ocupação.

O período em que decorreu a ocupação da Quinta da Torre é coevo, na margem norte do estuário, do importante centro urbano e comercial de Olisipo, ainda que os seus materiais de que pouco ainda se conhece (AMARO, 1995), não possam ser comparados em pormenor com estes. Semelhantes são os materiais recolhidos no nível sidérico do povoado de altura do Castelo Arruda dos Vinhos (GONÇALVES, 1997), especialmente os vasos de cerâmica comum, de colo alto e estrangulado e bordo extrovertido e as cerâmicas do grupo das cinzentas finas, representadas especialmente por jarros com decorações reticuladas brunidas, idênticas a exemplares da Quinta da Torre.

É no povoado de Chibanes, Palmela, que se dispõem de mais significativos e próximos elementos comparativos. Com efeito, foram ali recolhidas formas cerâmicas, em tudo idênticas ao conjunto agora publicado, conforme resulta da observação de um pequeno conjunto conservado nas reservas do Instituto Geológico e Mineiro desprovido de informação estratigráfica, a qual apenas foi obtida em recentes escavações ali efectuadas (SILVA & SOARES, 1997). Devemos a C. Tavares da Silva, um dos arqueólogos responsáveis pelas mesmas, numerosas informações acerca da cronologia absoluta do conjunto ora publicado, só possíveis, em boa parte dos casos, pelo registo ali efectuado. Em Chibanes, encontra-se documentado o fim deste ciclo cultural, consubstanciado pelo aumento das produções itálicas, em detrimento das de origem púnica, apenas representadas por ânforas, do tipo Maña C2, do século II a.C., que já não fazem parte do conjunto recolhido na Quinta da Torre.

Assim, o fim da ocupação sidérica a Quinta da Torre, situar-se-á num momento imediatamente anterior à introdução deste tipo anfórico na região, representado em diversos núcleos agrícolas a Norte do estuário do Tejo, como S. Marcos, Sintra (MAIA, 1978) ou Oeiras (CARDOSO, 1996b).

BIBLIOGRAFIA

- AMARO, C. (1995) – *Núcleo arqueológico da rua dos Correios*. Lisboa, Fundação Banco Comercial Português, 51 p.
- BARROS, L.; CARDOSO, J. L. & SABROSA, A. (1993) – Fenícios na margem sul do Tejo. Economia e integração cultural do povoado do Almaraz-Almada. *Estudos Orientais*, 4, p. 143-181.
- CARDOSO, J. L. (1990) – A presença oriental no povoamento da I Idade do Ferro na região ribeirinha do Tejo. *Estudos Orientais*, 1, p. 119-134.
- CARDOSO, J. L. (1995a) – Os povoados do Bronze Final a Norte do estuário do Tejo. *In: A Idade do Bronze em Portugal* (Coord. S. O. Jorge). Lisboa, Instituto Português de Museus, p. 126.
- CARDOSO, J. L. (1995b) – O Bronze Final e a Idade do Ferro na região de Lisboa: um ensaio. *Conimbriga*, 34, p. 33-74.
- CARDOSO, J. L. (1996a) – O povoamento no Bronze Final e na Idade do Ferro na região de Lisboa. *In: De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C.* (Coord. J. de Alarcão). Lisboa, Instituto Português de Museus, p. 73-81.
- CARDOSO, J. L. (1996b) – O final da Idade do Ferro no concelho de Oeiras: um contributo. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, p. 361-365.
- CARDOSO, J. L. (1996c) – A Idade do Ferro no concelho de Almada. Estação da Quinta da Torre. *Al-Madan*, Série II, 5, p. 200.
- CARDOSO, J. L.; RODRIGUES, J. A. S.; MONJARDINO, J. & CARREIRA, J. R. (1996) – A jazida da Idade do Bronze Final da Tapada da Ajuda. Lisboa – *Revista Municipal*, Série III, 15, p. 3-18.
- FERREIRA, C. J.; SILVA, C. Tavares da; LOURENÇO, F. S. & SOUSA, P. – *Património arqueológico do distrito de Setúbal: subsídios para uma carta arqueológica*. Setúbal, Associação de Municípios do Distrito de Setúbal, 373 p.
- GONÇALVES, J. L. M. (1997) – O sítio arqueológico do Castelo (Arruda dos Vinhos) – escavações de 1988 a 1993. *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*, 3, p. 5-52.
- MAIA, M. (1978) – Ânforas neopúnicas do sul de Portugal. *Actas das III Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1977), 1, p. 199-207.
- MARQUES, G. & ANDRADE, M. (1974) – Aspectos da Proto-história do território português. 1 – Definição e distribuição geográfica da cultura de Alpiarça (Idade do Ferro). *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia* (Porto, 1973), 1, p. 125-148.
- PELLICER, M. (1978) – Tipología y cronología de las anforas prerromanas del Guadalquivir, segun el Cerro Macareno (Sevilla). *Habis*, 9, p. 365-400.

SILVA, C. Tavares da; SOARES, J.; BEIRÃO, C. de Mello; DIAS, L. F. & COELHO-SOARES, A. (1980/81) – Escavações arqueológicas no castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*, 6/7, p. 141-218.

SILVA, C. Tavares da; SOARES, J. (1997) – Chibanes revisitado. Primeiros resultados da campanha de escavações de 1996. *Estudos Orientais*, 6 (Vol. de Homenagem ao Professor A. A. Tavares), p. 33-66.

CATÁLOGO^(*)

Fig. 2

- n.º 1: fragmento de asa de ânfora fenício-púnica de secção subcircular. Côr do núcleo 10Y6/2; côr da superfície 10YR7/4. Pasta de textura média, com abundantes elementos não plásticos.
- n.º 2: fragmento de asa de ânfora fenício-púnica de secção subcircular. Côr do núcleo 10YR6/2; côr da superfície 5YR6/4. Pasta de textura média. Aguada bem conservada.
- n.º 3: fragmento de asa de ânfora fenício-púnica de secção subcircular. Côr do núcleo 5YR6/4; côr da superfície 10YR7/4. Textura média.
- n.º 4: fragmento de jarro de cerâmica comum possuindo asa que parte do lábio. Côr do núcleo 5Y8/1; côr da superfície 10R6/6. Pasta de textura média. Aguada superficial.
- n.º 5: fragmento de jarro de cerâmica comum, de bordo extrovertido de onde arranca asa. Núcleo e superfície de coloração 10R6/6. Pasta de textura fina.

Fig. 3

- n.º 1: fragmento de pequeno jarro ou púcaro com asa de secção subquadrangular. Uma das faces apresenta uma ligeira concavidade. Núcleo e superfície de coloração uniforme, 3N3 Dark Grey. Pasta de textura fina.
- n.º 2: fragmento de asa de secção elipsoidal de pequeno jarro ou púcaro. Núcleo e superfície de coloração uniforme, 10YR6/2. Pasta de textura média.
- n.º 3: fragmento de asa de secção subrectangular, com uma das faces ligeiramente côncava, de pequeno jarro ou púcaro. Cerâmica cinzenta, núcleo de coloração 5Y7/2 e superfície 10YR6/2. Pasta de textura fina.

^(*) Na determinação das cores, usou-se a "Rock - Color Chart", do Rock - Color Chart Committee, Geological Society of America, P.O. Box 9140, Boulder, CO 80401. Agradece-se a Raquel Alves a colaboração prestada.

- n.º 4: fragmento de asa de recipiente de cerâmica comum de secção circular, possivelmente correspondendo a jarro de grandes dimensões. Núcleo de coloração 10YR6/2 e superfície 5YR4/1. Pasta de textura fina.
- n.º 5: fragmento de asa anelar, de secção circular, de ânfora fenício-púnica. Núcleo de coloração 10R6/6 e superfície 5YR5/6. Pasta de textura média.
- n.º 6: fragmento de asa de ânfora cf. Dressel 1, coloração uniforme 5YR5/6. Pasta de textura média.

Fig. 4

- n.º 1: fragmento de asa de ânfora anelar, de secção circular, fenício-púnica. Núcleo e superfície de coloração uniforme 10R6/6. Pasta de textura fina.
- n.º 2: fragmento de asa de recipiente de cerâmica comum. Núcleo de coloração 10R5/4 e superfície 5YR6/4. Pasta de textura média com englobe superficial.
- n.º 3: fragmento de asa anelar, de secção subcircular, de ânfora fenício-púnica. Núcleo de coloração 5YR6/4 e superfície 5YR6/4. Textura fina, com elementos não plásticos, visíveis por erosão da superfície.
- n.º 4: fragmento de bojo de ânfora fenício-púnica possuindo arranque de uma das asas, de morfologia anelar e secção circular. Núcleo de coloração 10R6/6 e superfície 10YR7/4. Pasta de textura média.
- n.º 5: fragmento de asa, de secção circular, de recipiente de cerâmica comum, talvez jarro de grandes dimensões. Coloração uniforme 5YR6/4. Pasta de textura fina.

Fig. 5

- n.º 1: fragmento de asa anelar, de secção subcircular, de ânfora fenício-púnica. Coloração uniforme 5YR6/4. Textura média.
- n.º 2: fragmento de asa anelar, de secção subcircular, de ânfora fenício-púnica. Coloração uniforme 5YR5/6. Pasta de textura média.
- n.º 3: fragmento de asa anelar, de secção sub-elipsoial irregular, de ânfora fenício-púnica. Núcleo de coloração 5YR6/4 e superfície 5YR5/6. Pasta de textura fina.
- n.º 4: asa anelar de secção subcircular de ânfora fenício-púnica. Coloração uniforme 5YR6/4. Textura média.
- n.º 5: asa anelar, de secção subcircular, de ânfora fenício-púnica. Núcleo de coloração 10R6/6 e superfície 10YR7/4. Pasta de textura média.

Fig. 6

- n.º 1: asa anelar, de secção subcircular, de ânfora fenício-púnica. Coloração uniforme 5YR6/4. Textura grosseira, com abundantes elementos não plásticos, aflorantes por erosão do engobe.
- n.º 2: asa de ânfora anelar, de secção subcircular, de ânfora fenício-púnica. Núcleo de coloração 10YR7/4 e superfície 5YR5/6. Pasta de textura média.
- n.º 3: asa de ânfora, fitiforme, de secção convexo-côncava. Núcleo de coloração 10R6/6 e superfície 5Y8/4. Pasta de textura média.

Fig. 7

- n.º 1: fragmento de pé de taça de fundo côncavo de cerâmica comum. Coloração uniforme 10R6/6. Textura média. Superfície coberta por aguada fina.
- n.º 2: bordo extrovertido de recipiente fechado de colo alto estrangulado. Cerâmica comum. Coloração uniforme 5YR8/4. Textura fina.
- n.º 3: fragmento de bordo de ânfora ibero-púnica. Núcleo de coloração 5Y4/1 e superfície 10YR6/2. Pasta de textura fina.

Fig. 8

- n.º 1: fragmento de bordo de ânfora ibero-púnica. Coloração uniforme 10R6/6. Pasta de textura fina.
- n.º 2: bordo extrovertido de recipiente fechado de colo alto estrangulado. Coloração uniforme 10R6/6. Pasta de textura fina.
- n.º 3: bordo não espessado de recipiente de grandes dimensões de fabrico manual. Núcleo de coloração 10R6/6 e superfície 10YR2/2. Pasta de textura média.
- n.º 4: taça de perfil em "S", com lábio ligeiramente espessado. Cerâmica cinzenta fina. Coloração do núcleo 5YR4/4 e da superfície 10YR2/2. Pasta de textura fina.
- n.º 5: bordo de ânfora púnica de lábio espessado, convexo do lado externo. Núcleo de coloração 5Y6/1 e superfície de 10R6/6. Pasta de textura fina.
- n.º 6: vaso de bordo ligeiramente espessado. Cerâmica cinzenta fina com superfície externa alisada à espátula. Núcleo de coloração 10YR4/2 e superfície 10YR2/2. Textura fina.
- n.º 7: bordo extrovertido de recipiente fechado de colo alto estrangulado. Coloração uniforme 5YR5/6. Pasta de textura média.
- n.º 8: fragmento de lábio de recipiente fechado de colo alto estrangulado. Núcleo de coloração 5YR5/6 e superfície 5YR8/4. Pasta de textura média.

- n.^o 9: bordo extrovertido de recipiente fechado de colo alto estrangulado. Coloração uniforme 10R6/6. Textura média.
- n.^o 10: pequena taça de bordo ligeiramente espessado interiormente. Cerâmica cinzenta fina. Coloração uniforme 5Y6/1. Textura fina.
- n.^o 11: bordo extrovertido de recipiente fechado de colo alto estrangulado. Núcleo de coloração 5Y4/1 e superfície 5YR8/4. Pasta de textura fina a média.
- n.^o 12: bordo extrovertido de recipiente fechado de colo alto estrangulado. Núcleo de coloração 3N3 e superfície 5YR6/4. Textura média.

Fig. 9

- n.^o 1: bordo extrovertido de recipiente fechado de colo estrangulado. Coloração uniforme 5YR8/4. Textura fina.
- n.^o 2: bordo extrovertido de recipiente fechado de colo estrangulado. Núcleo de coloração 5Y6/1 e superfície 5YR6/4. Pasta de textura fina.
- n.^o 3: bordo extrovertido de recipiente fechado de colo estrangulado. Coloração uniforme 10R6/6. Pasta de textura média.
- n.^o 4: bordo extrovertido de recipiente fechado de colo estrangulado. Núcleo de coloração 5Y4/1 e superfície 5YR6/4. Pasta de textura média.
- n.^o 5: taça de perfil em “S” de cerâmica cinzenta. Coloração uniforme 10Y7/4. Textura fina.
- n.^o 6: prato de cerâmica cinzenta. Núcleo de coloração 5Y6/1. Superfície 3N3. Pasta de textura média com superfície coberta de aguada fina.
- n.^o 7: bordo extrovertido de recipiente fechado de colo estrangulado. Coloração uniforme 5YR8/4. Pasta de textura fina.
- n.^o 8: bordo extrovertido de recipiente fechado de colo alto estrangulado. Coloração uniforme 5YR6/4. Pasta de textura média.
- n.^o 9: fragmento de jarro de cerâmica cinzenta. Coloração do núcleo 5YR6/4 e superfície 10YR7/4. Textura fina. Apresenta cordão horizontal simples em relevo.
- n.^o 10: fundo de provável jarro de cerâmica cinzenta. Núcleo de coloração 5Y8/1 e superfície 4N4. Pasta de textura média, apresentando superfície coberta por aguada fina.
- n.^o 11: fragmento de jarro de cerâmica cinzenta. Núcleo de coloração 5Y6/1 e superfície 5Y4/1. Textura fina. Apresenta cordão simples horizontal.
- n.^o 12: fragmento de jarro de cerâmica cinzenta. Núcleo de coloração 5YR6/4 e superfície 5Y4/1. Textura média. Apresenta cordão simples horizontal.

Fig. 10

- n.º 1: bojo de provável jarro, com vestígio de arranque de asa. Coloração do núcleo 5Y2/1 e superfície 5YR6/4. Textura fina.
- n.º 2: bordo extrovertido de recipiente fechado de colo alto estrangulado. Coloração do núcleo 5Y8/1 e superfície 5YR6/4. Textura média.
- n.º 3: bordo extrovertido, fortemente espessado, de recipiente fechado de colo alto estrangulado. Coloração uniforme 5YR8/4. Textura média.
- n.º 4: bordo extrovertido de recipiente fechado de colo alto estrangulado. Coloração do núcleo 10R6/6 e superfície 5YR6/4. Textura média.

Fig. 11

- n.º 1: fundo de recipiente de cerâmica comum. Coloração do núcleo 5YR6/6 e da superfície 10YR10/4. Textura fina.
- n.º 2: pé anelar de recipiente de cerâmica comum. Coloração do núcleo 5YR6/4 e da superfície 5YR5/6. Textura média.
- n.º 3: fundo de recipiente de cerâmica cinzenta. Coloração do núcleo 5YR6/4 e da superfície 5Y6/1. Textura média.
- n.º 4: fragmento de recipiente de fabrico manual de fundo plano. Pasta micácea. Cerâmica comum. Coloração do núcleo 10R6/6 e da superfície 5YR6/4. Textura média.
- n.º 5: porção de colo de jarro de cerâmica cinzenta, decorado por cordão simples em relevo e por canelura abaixo deste, ambos elementos decorativos dispostos horizontalmente. Coloração do núcleo 5Y6/1 e da superfície 10YR4/2. Textura fina.
- n.º 6: fragmento de colo de jarro de cerâmica cinzenta, decorado por cordão horizontal em relevo. Coloração do núcleo 5Y6/1 e superfície 5YR6/4. Textura fina.
- n.º 7: fragmento de colo de jarro de cerâmica cinzenta, decorado por cordão horizontal e por faixa de ténues caneluras oblíquas formando reticulado. Coloração do núcleo 5Y6/1 e da superfície 10YR4/2. Textura fina.

Fig. 12

- n.º 1: bordo espessado e extrovertido de recipiente de forma fechada de colo alto subcilindróide. Cerâmica comum. Núcleo de coloração 5YR5/6 e superfície 10YR7/4, este correspondente a aguada. Textura fina.
- n.º 2: bordo extrovertido com lábio de espessamento triangular, pertencente a recipiente de cerâmica comum, de colo alto subcilindróide recordando, pelo formato, *ampulla* fenícia. Coloração 5YR5/6. Textura fina.

- n.º 3: bordo extrovertido, fortemente espessado, de recipiente fechado de colo alto estrangulado. Coloração do núcleo 5Y6/1 e da superfície 10YR7/4. Textura fina.
- n.º 4: bordo extrovertido de recipiente fechado de colo alto e estrangulado. Coloração do núcleo 5YR6/4 e da superfície 10YR7/4. Textura fina.
- n.º 5: bordo extrovertido de recipiente fechado de colo alto e estrangulado. Coloração uniforme 5YR5/6. Textura média.
- n.º 6: bordo extrovertido de recipiente fechado de colo alto e estrangulado. Coloração uniforme 5YR5/6. Textura fina.
- n.º 7: bordo extrovertido de recipiente fechado de colo alto e estrangulado. Coloração uniforme 5YR5/6. Textura média.
- n.º 8: bordo extrovertido de pequeno recipiente fechado de colo alto e estrangulado. Cerâmica cinzenta. Núcleo de coloração 5YR5/2 e superfície 5YR4/1. Textura fina.
- n.º 9: bordo de ânfora ibero-púnica compatível com o tipo n.º 1573 de PELLICER (1978, fig. 6). Lábio espessado e bordo reentrante. Núcleo de coloração 5YR5/6 e superfície 5YR8/4. Textura média com aguada superficial mais fina.
- n.º 10: colo de jarro ornato por caneluras horizontais em relevo. Cerâmica cinzenta. Núcleo de coloração 5Y7/2 e superfície 3N3. Textura fina com acabamento cuidado.

Fig. 13

- n.º 1: fragmento de asa anelar de ânfora ibero-púnica de secção grosseiramente subcircular. Núcleo de coloração 5Y6/1 e superfície 10YR/. Textura fina.
- n.º 2: fragmento de asa de secção circular de recipiente de cerâmica comum, eventualmente de panela. Coloração uniforme 10YR4/2. Textura fina.
- n.º 3: fragmento de asa de secção convexo-côncava de jarro ou de vaso de cerâmica comum. Núcleo de coloração 5YR8/4 e superfície 10YR6/2. Textura média.
- n.º 4: fragmento de asa anelar de ânfora fenício-púnica de secção circular. Núcleo de coloração 5Y7/2 e superfície 5YR8/4. Textura fina.
- n.º 5: fragmento de robusta asa anelar de ânfora ibero-púnica de secção subcircular. Coloração uniforme 10R6/6. Textura fina.
- n.º 6: fragmento de asa cilindróide de cerâmica comum, talvez correspondente a panela. Núcleo de coloração 5Y6/1 e superfície 5YR5/6. Textura média, coberta de fina aguada.
- n.º 7: fragmento de asa cilindróide de ânfora. Núcleo de coloração 5YR5/2 e superfície 10R6/6. Textura fina.

Fig. 14

- n.º 1:** bordo de imitação local de ânfora púnica de fabrico manual, afim do tipo n.º 2001 de PELLICER (1978, fig. 7). Núcleo de coloração 5YR6/4 e superfície 10YR5/4. Textura fina.
- n.º 2:** fundo de grande recipiente de cerâmica comum de fabrico manual. Núcleo de coloração 10R6/6 e superfície 10YR5/4. Textura média.

Fig. 15

- n.º 1:** fundo de ânfora ibero-púnica correspondente a forma cónico-parabolóide maciça, afim do tipo n.º 1707 de PELLICER (1978, fig. 12). Núcleo de coloração 5YR5/6 e superfície 10YR4/2. Textura fina.
- n.º 2:** fundo de recipiente de pé destacado de cerâmica cinzenta. Núcleo de coloração 5N5 e superfície 4N4, esta alisada e espatulada. Textura fina.
- n.º 3:** asa de recipiente de vaso tipo “cesto”. Coloração do núcleo 5Y6/1 e superfície 10YR7/4. Textura fina.
- n.º 4:** asa anelar de ânfora ibero-púnica de secção subcircular irregular. Coloração uniforme 10YR6/6. Textura fina.
- n.º 5:** fundo côncavo de grande recipiente de cerâmica comum. Coloração do núcleo 5Y8/1 e da superfície 5YR6/4. Textura média.
- n.º 6:** fundo côncavo de grande recipiente de cerâmica comum. Coloração do núcleo 5YR6/6 e da superfície 10R6/6. Textura média.
- n.º 7:** asa anelar de ânfora ibero-púnica de secção circular. Núcleo de coloração 5Y4/1 e superfície 10R6/6. Textura fina.
- n.º 8:** fundo plano de recipiente de cerâmica comum, correspondente provavelmente a forma fechada de colo alto estrangulado. Núcleo de coloração 10R4/2 e superfície 5YR3/2. Textura média.
- n.º 9:** pé troncocónico com fundo côncavo de taça alta. Cerâmica cinzenta clara. Núcleo de coloração 5YR6/4 e superfície 10YR6/2. Textura fina.

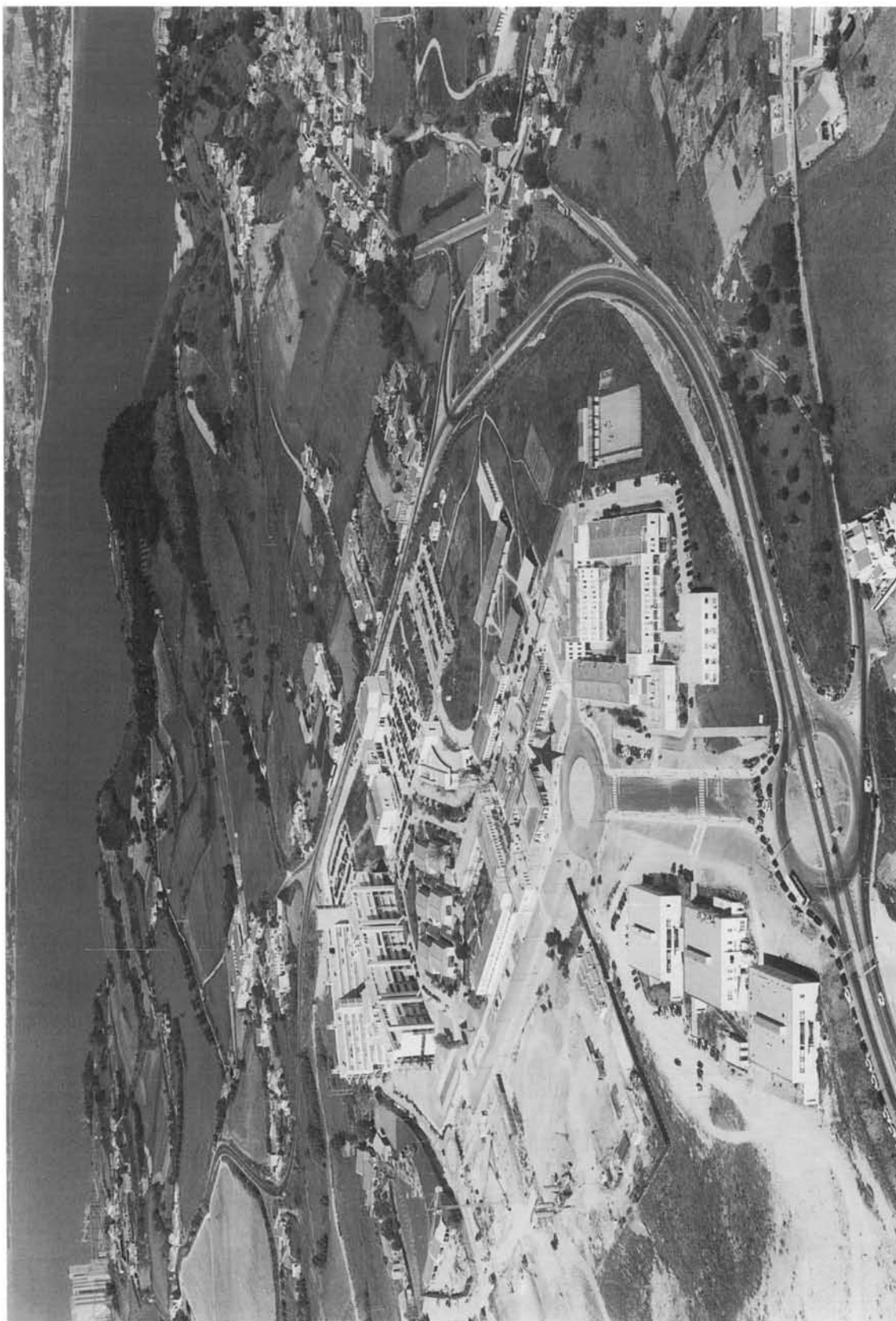


Fig. 1 – Fotografia oblíqua da área do *Campus* Universitário da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa. O local dos últimos achados de materiais da Idade do Ferro (em 1995) assinala-se por "estrela". Ao fundo, o estuário do Tejo. Foto produzida para fins promocionais pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa.

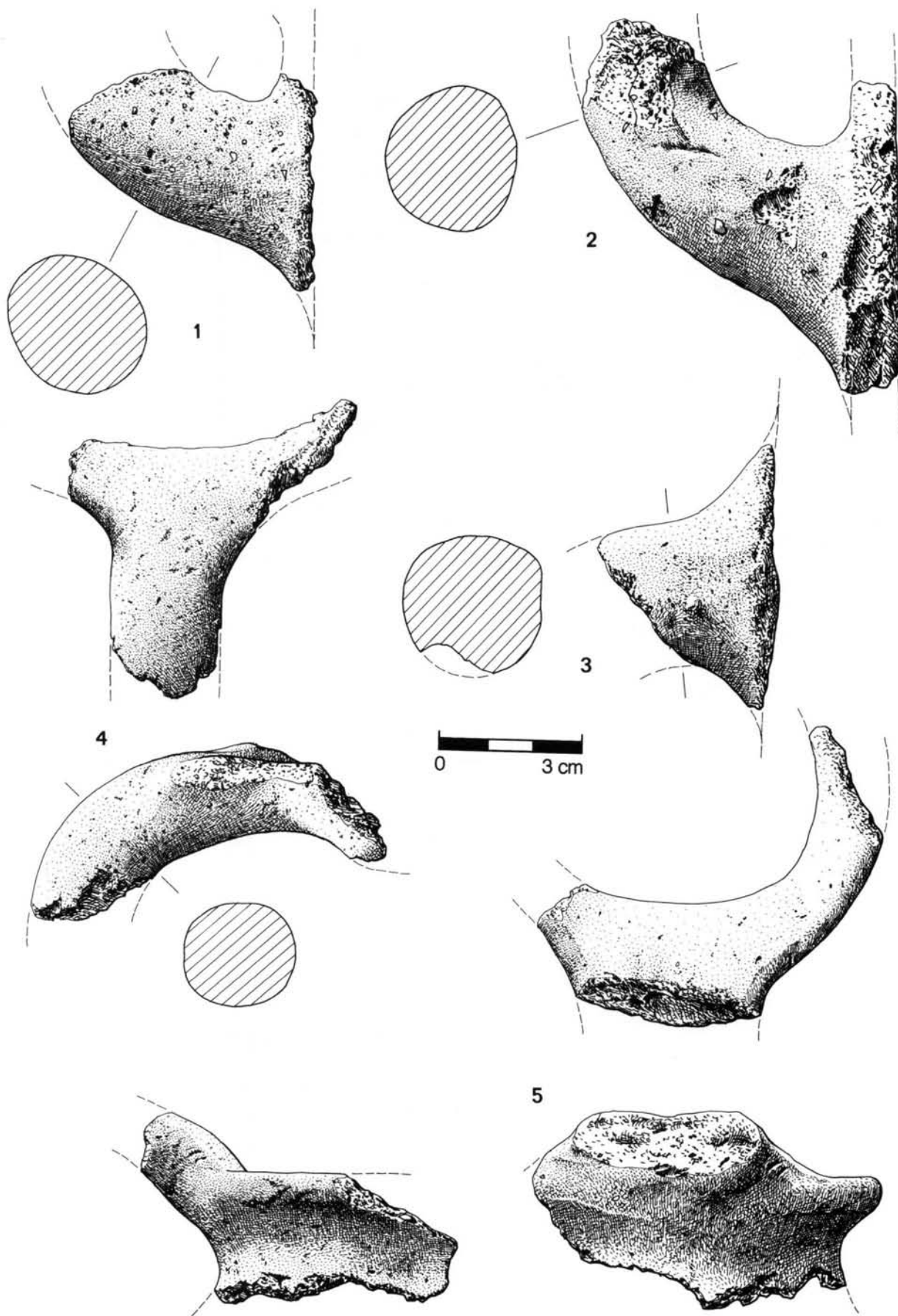


Fig. 2 - Quinta da Torre. Cerâmicas da Idade do Ferro (desenhos de Carlos Lemos).

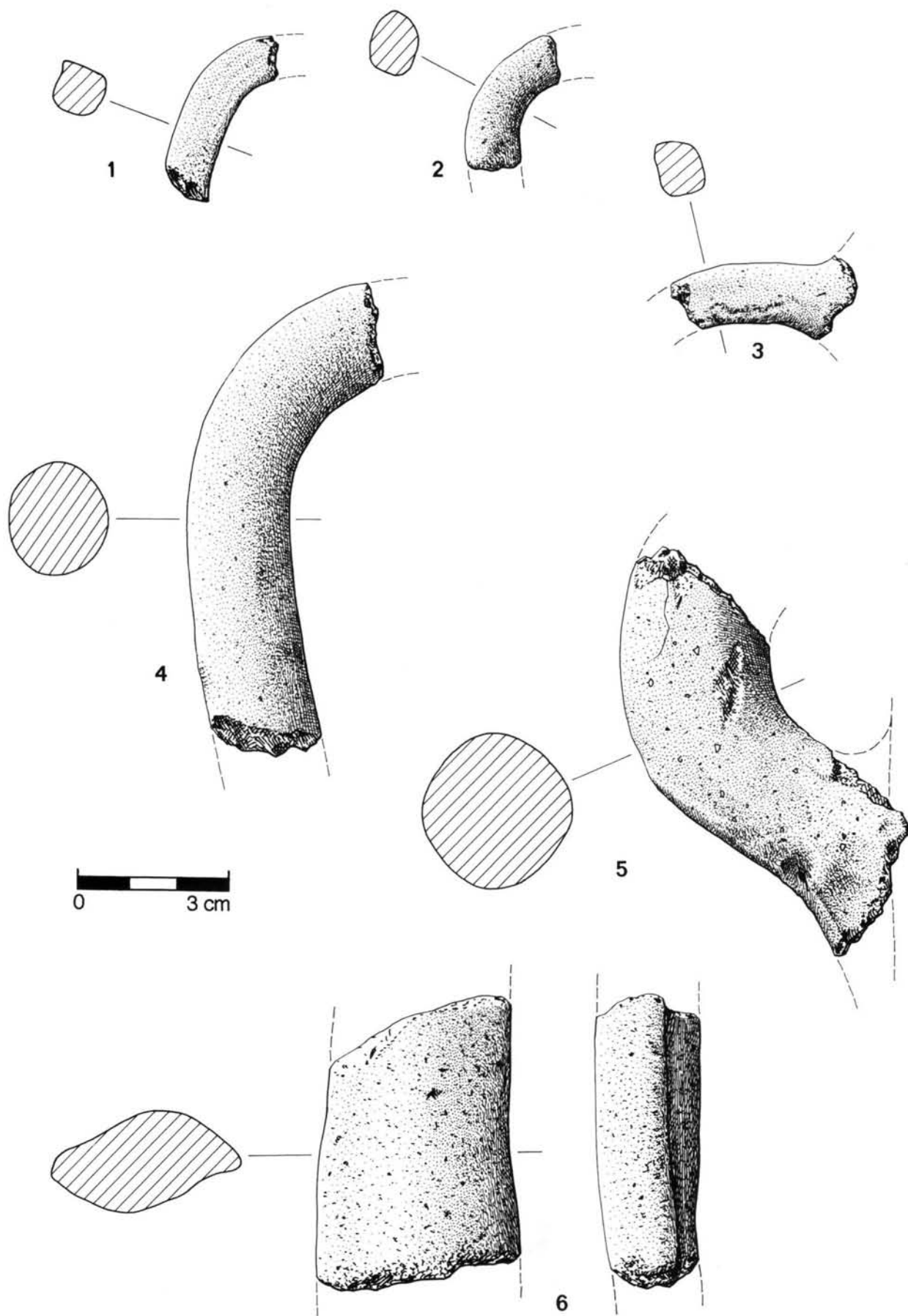


Fig. 3 - Quinta da Torre. Cerâmicas da Idade do Ferro (desenhos de Carlos Lemos).

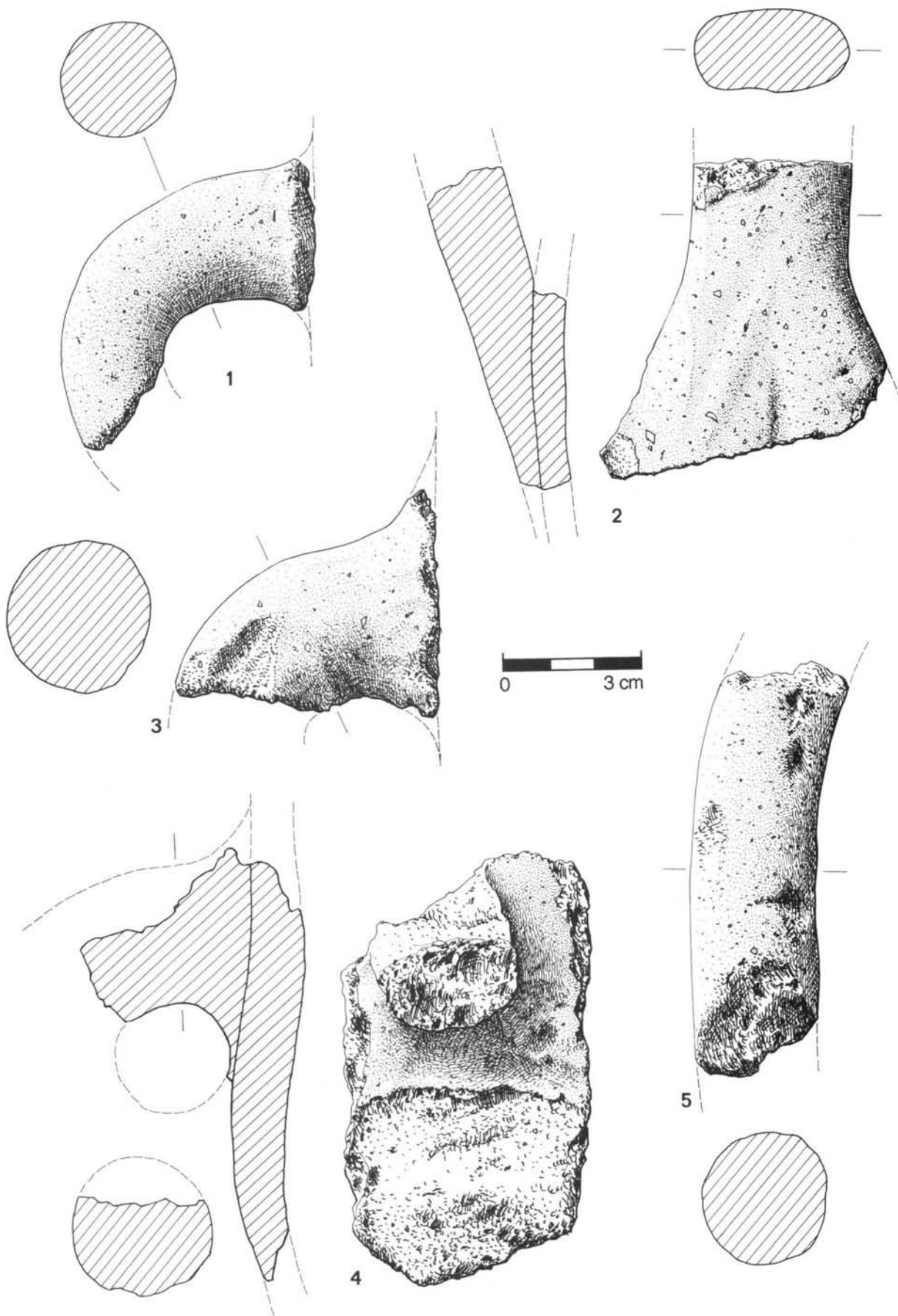


Fig. 4 - Quinta da Torre. Cerâmicas da Idade do Ferro (desenhos de Carlos Lemos).



Fig. 5 - Quinta da Torre. Cerâmicas da Idade do Ferro (desenhos de Carlos Lemos).

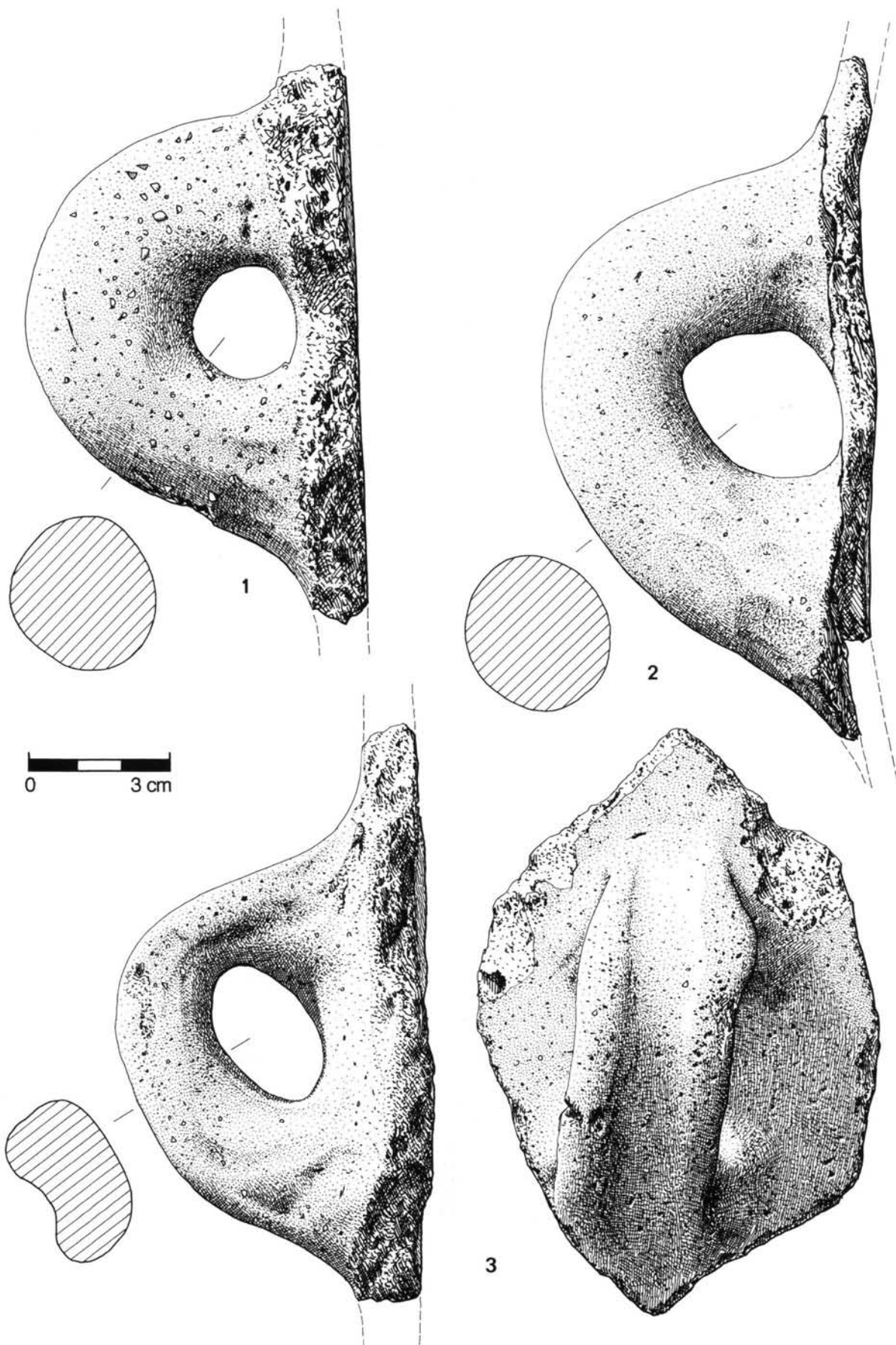


Fig. 6 - Quinta da Torre. Cerâmicas da Idade do Ferro (desenhos de Carlos Lemos).

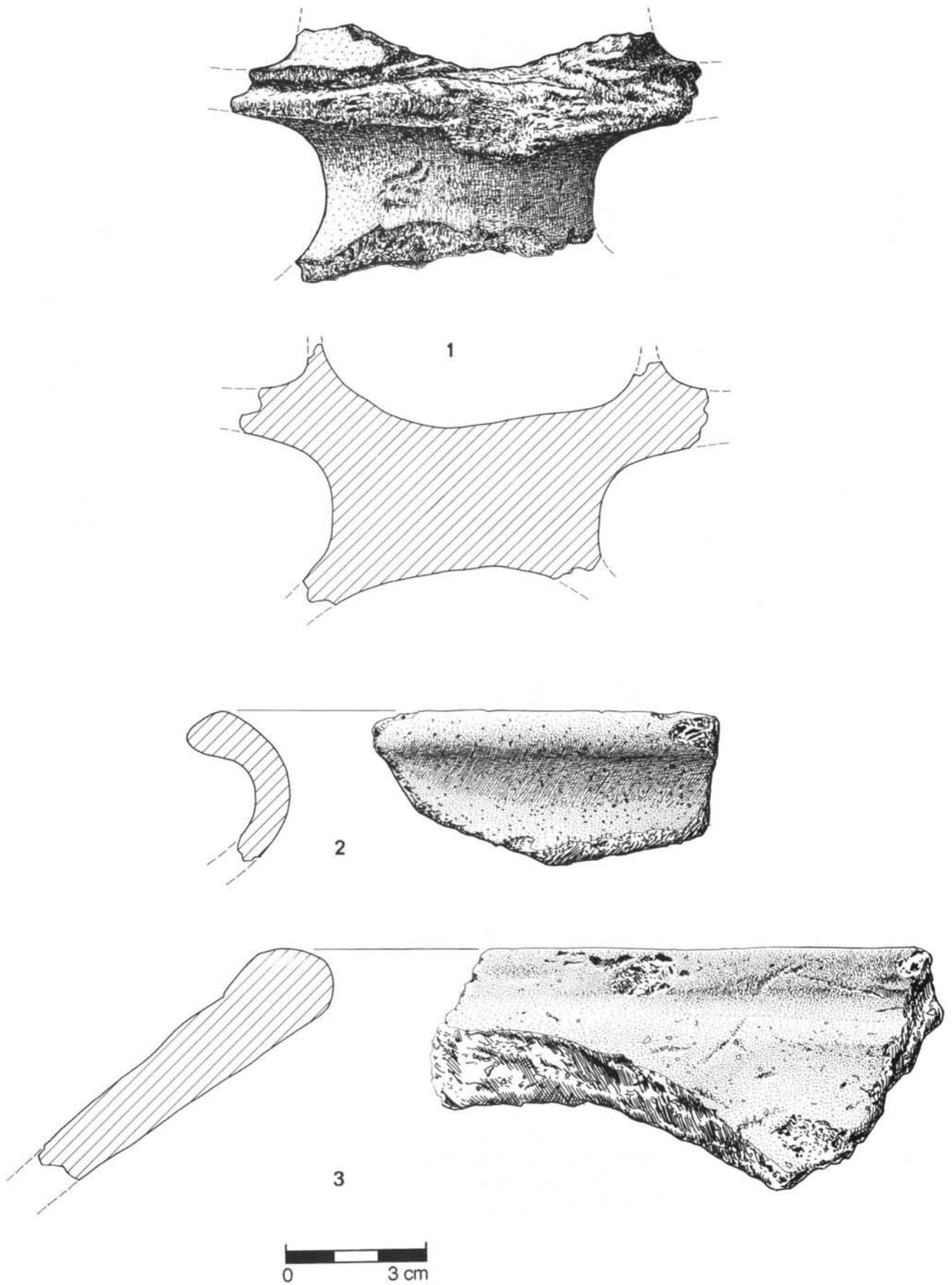


Fig. 7 - Quinta da Torre. Cerâmicas da Idade do Ferro (desenhos de Carlos Lemos).

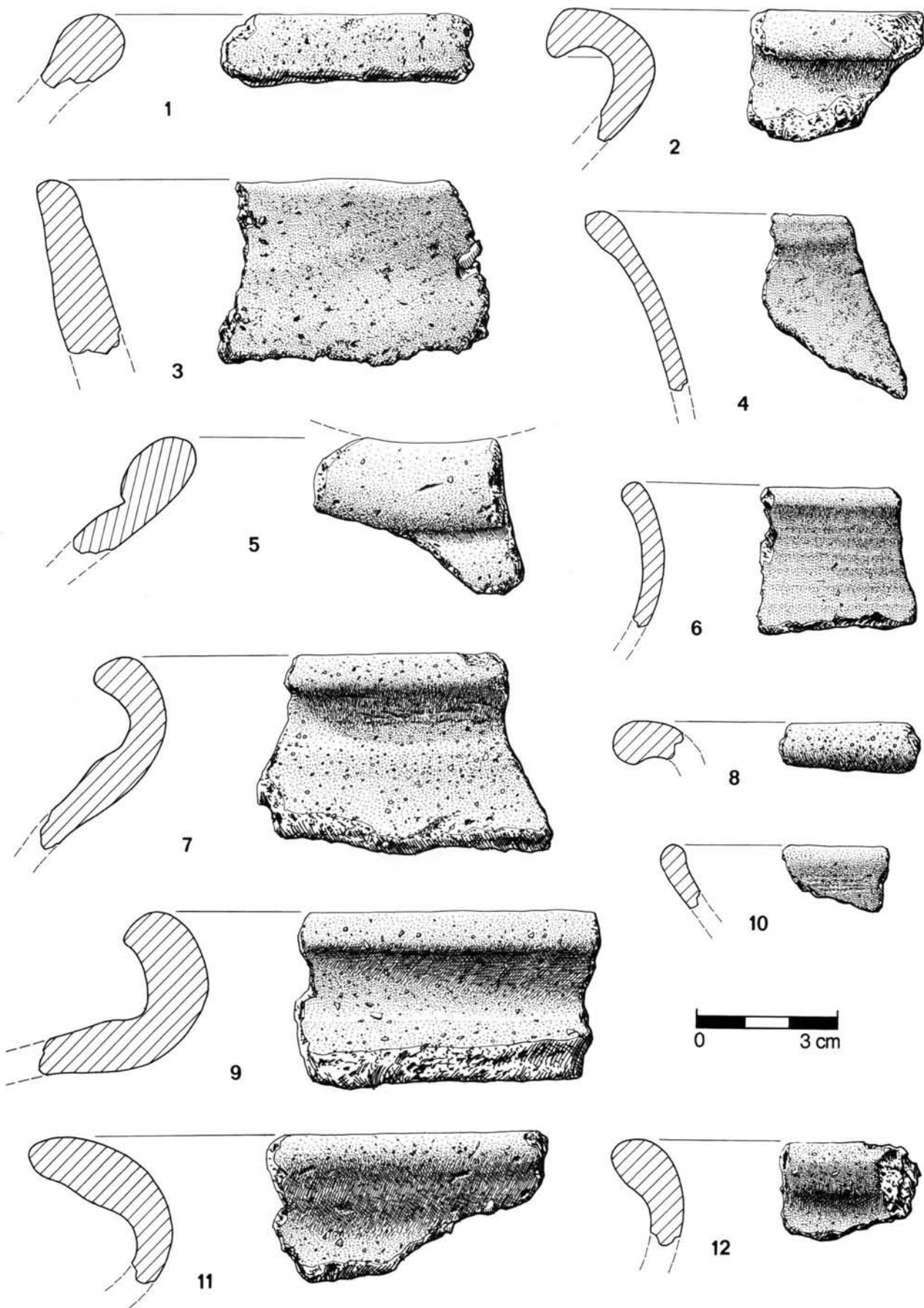


Fig. 8 - Quinta da Torre. Cerâmicas da Idade do Ferro (desenhos de Carlos Lemos).

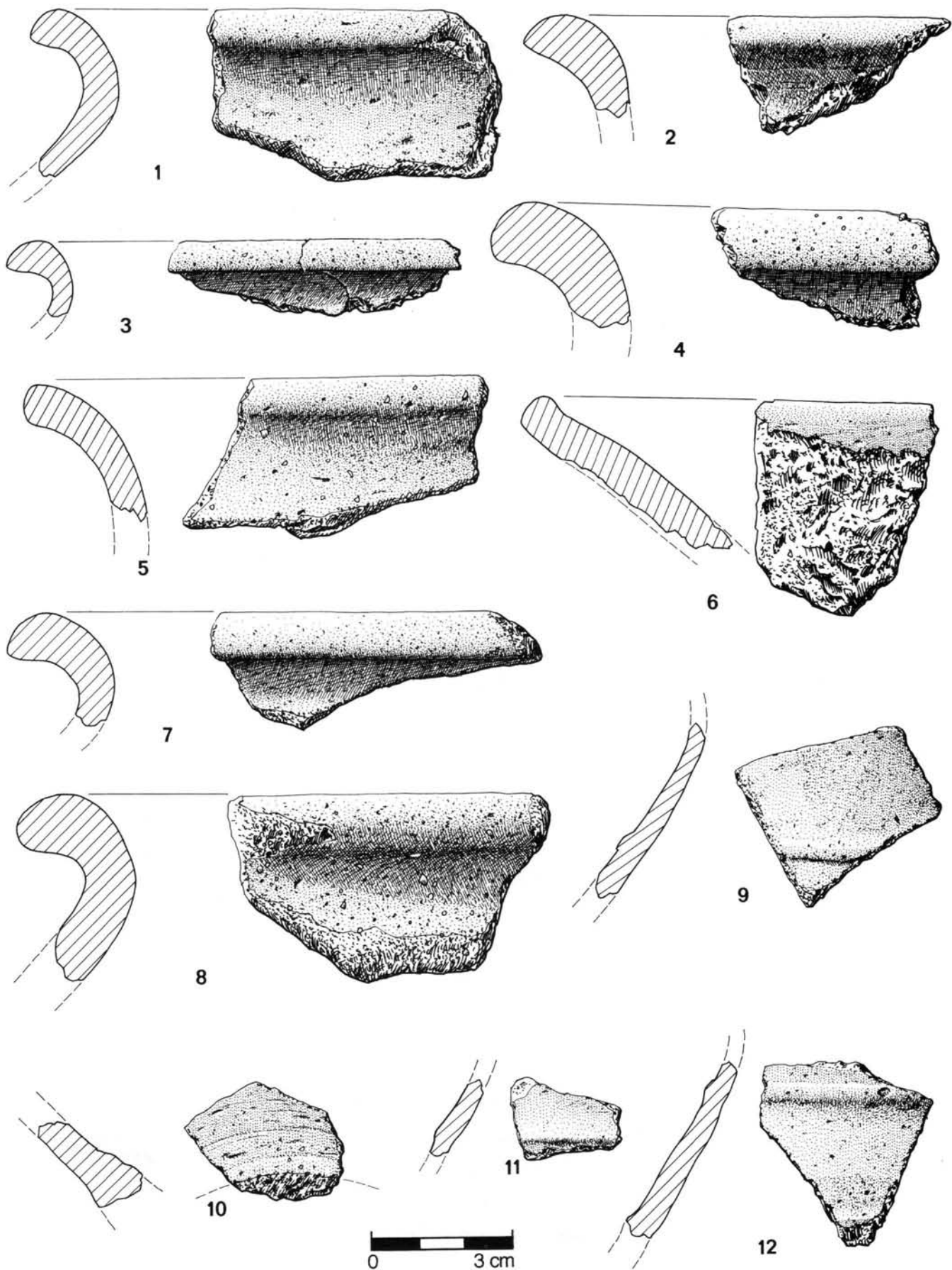


Fig. 9 - Quinta da Torre. Cerâmicas da Idade do Ferro (desenhos de Carlos Lemos).

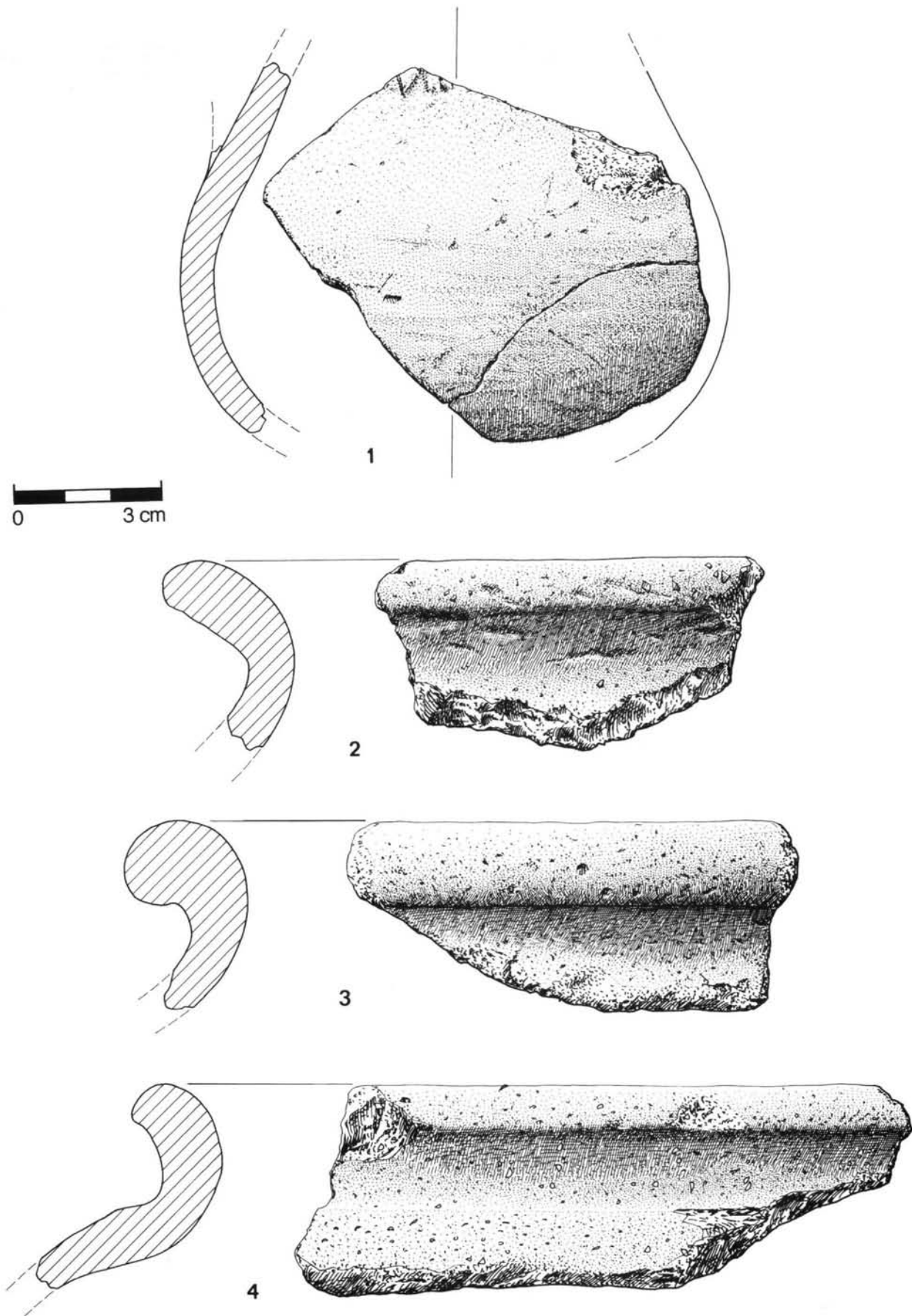


Fig. 10 - Quinta da Torre. Cerâmicas da Idade do Ferro (desenhos de Carlos Lemos).

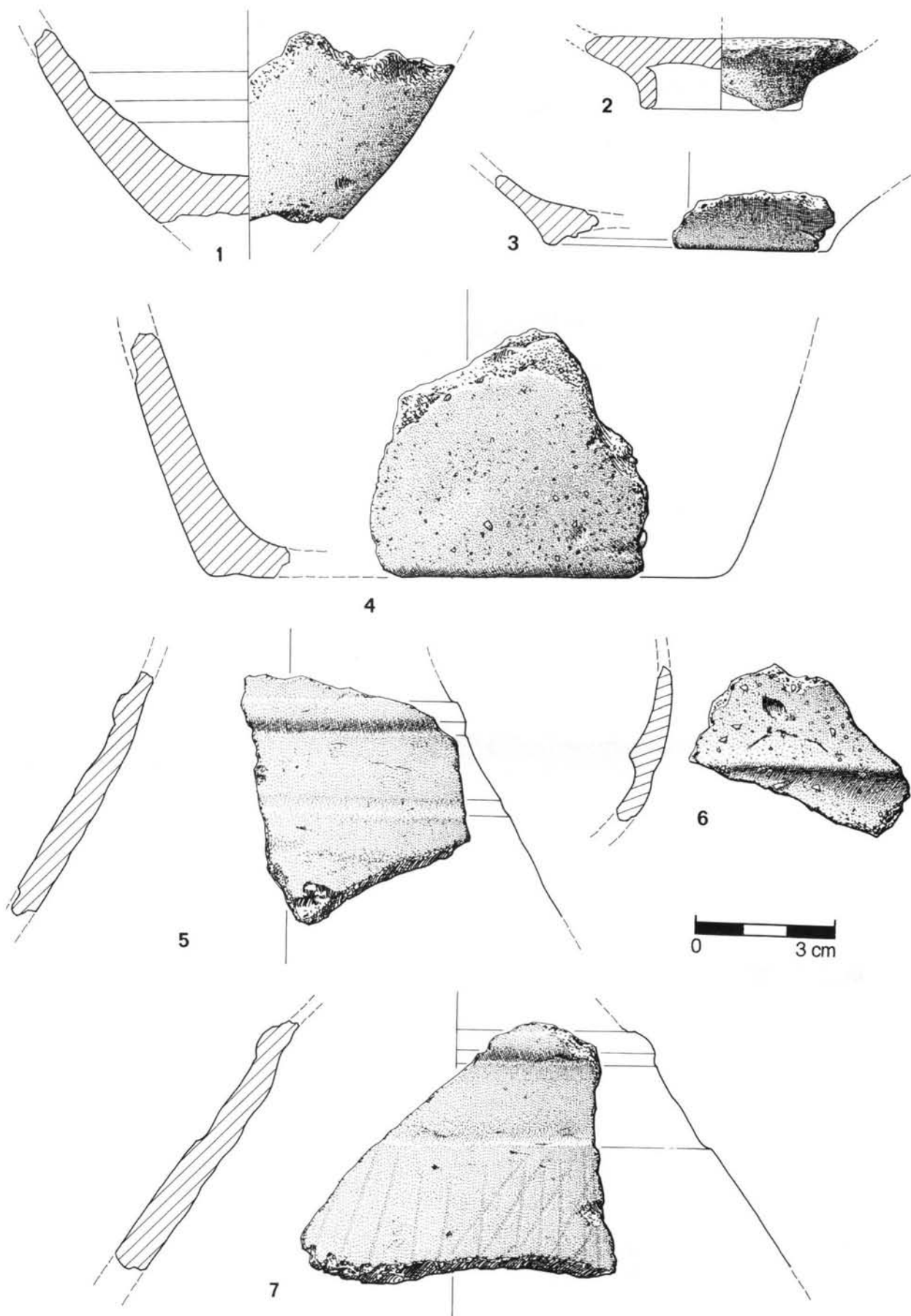


Fig. 11 – Quinta da Torre. Cerâmicas da Idade do Ferro (desenhos de Carlos Lemos).

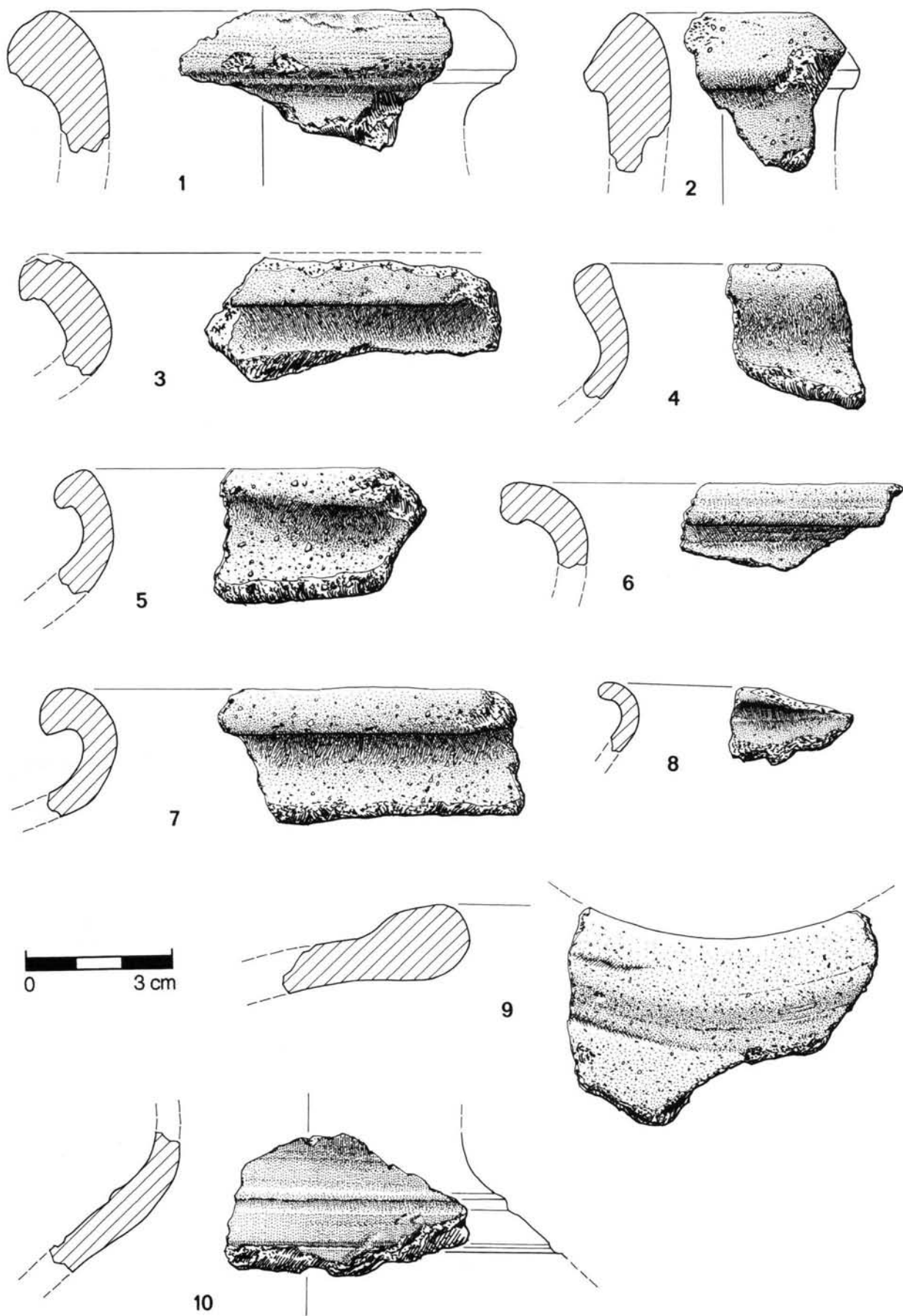


Fig. 12 - Quinta da Torre. Cerâmicas da Idade do Ferro (desenhos de Carlos Lemos).

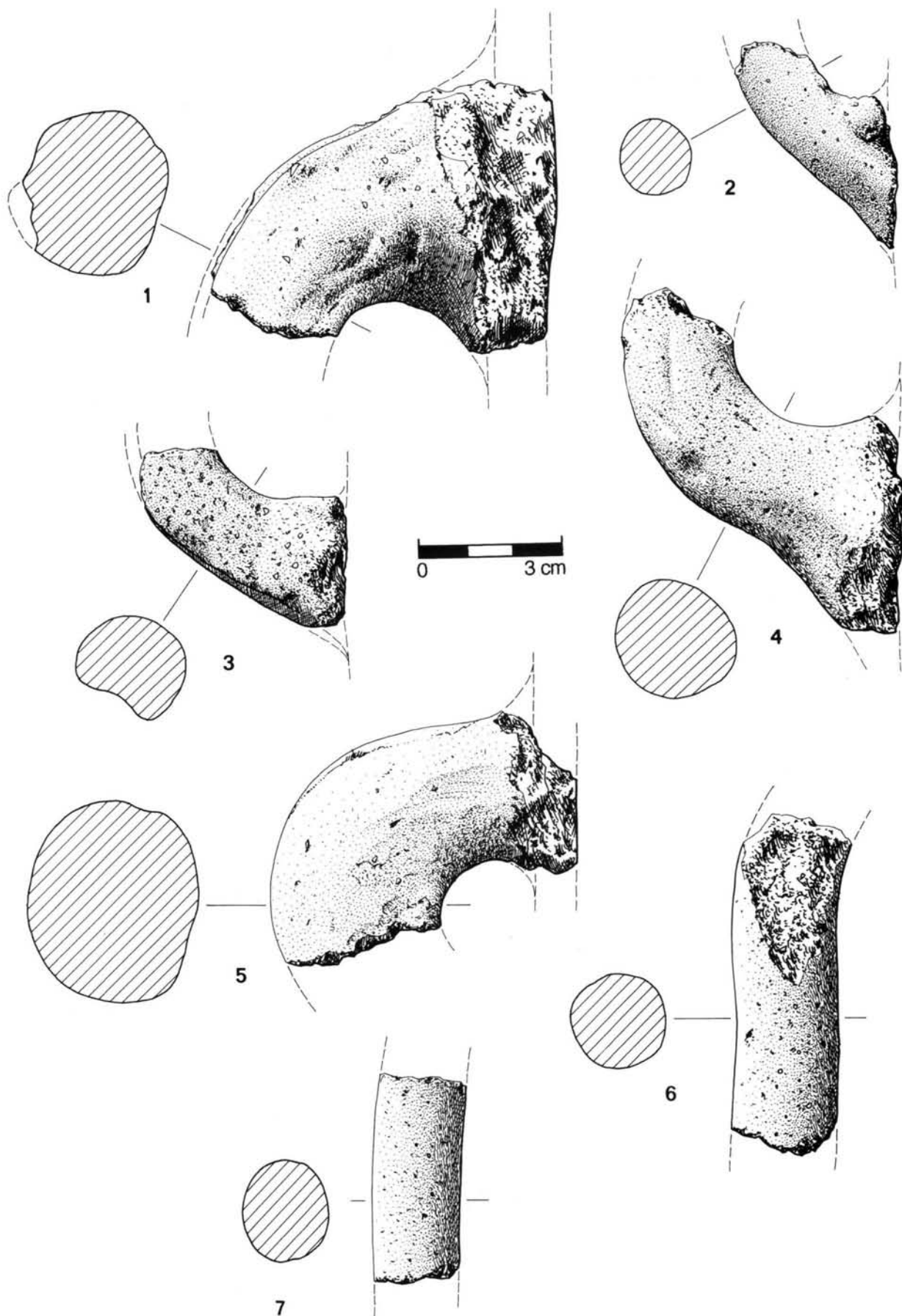


Fig. 13 - Quinta da Torre. Cerâmicas da Idade do Ferro (desenhos de Carlos Lemos).

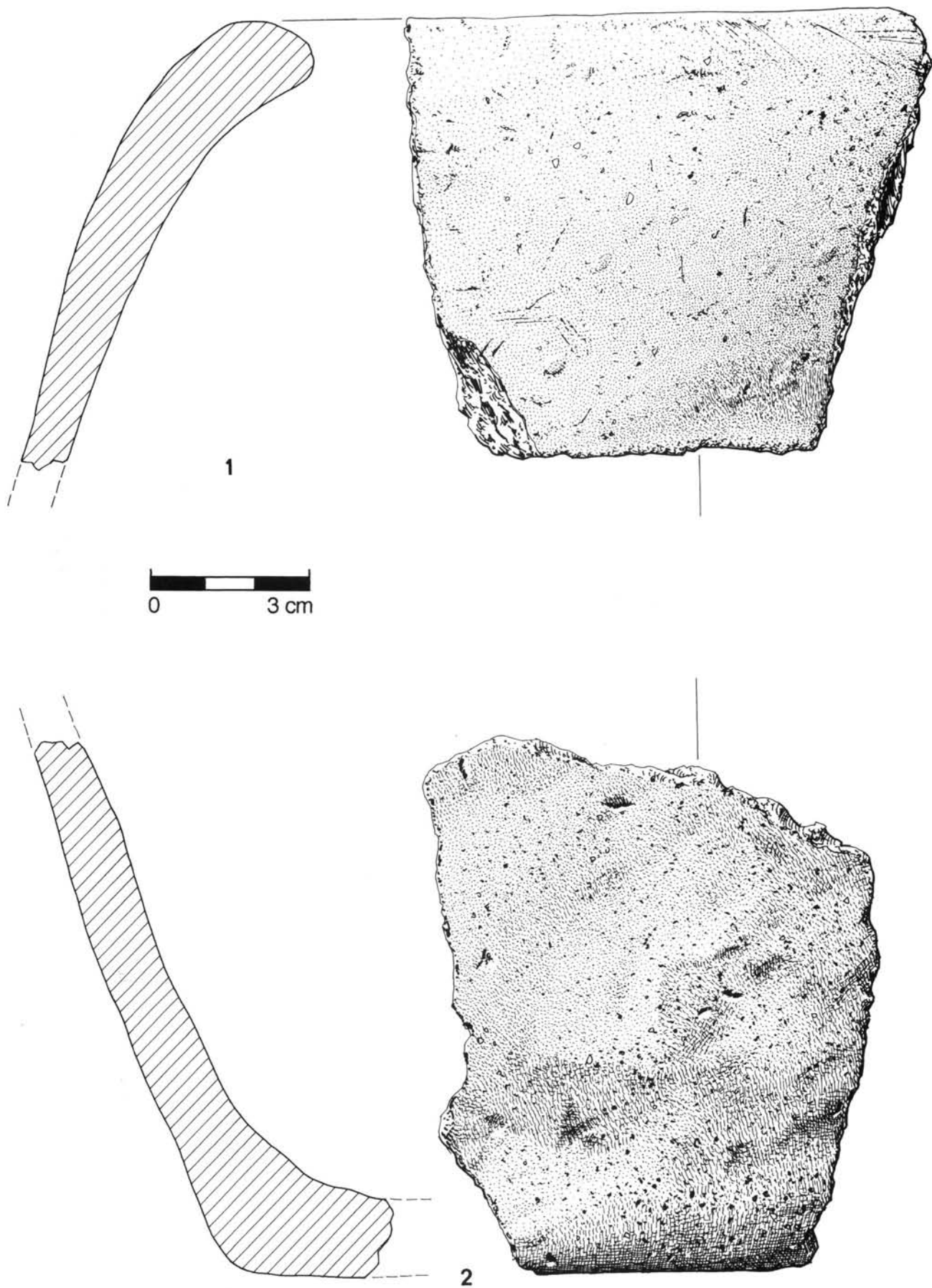


Fig. 14 - Quinta da Torre. Cerâmicas da Idade do Ferro (desenhos de Carlos Lemos).

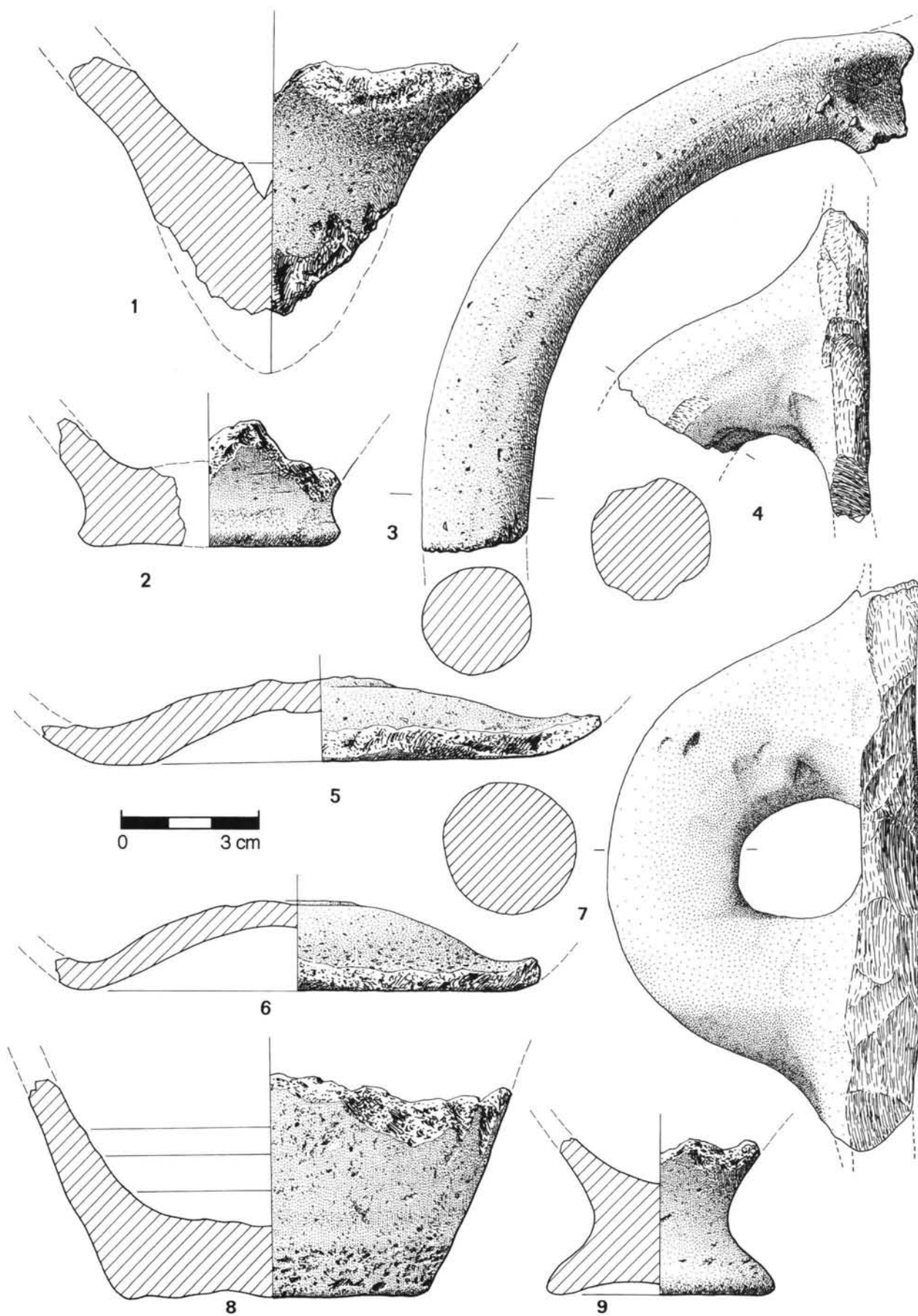


Fig. 15 - Quinta da Torre. Cerâmicas da Idade do Ferro (desenhos de Carlos Lemos).